Um texto de Daniel Tércio a propósito do espetáculo *Espiões - Apocalypse How,* um projeto de Filipa Francisco com direção de Sónia Baptista.

O espetáculo apresenta-se no Alkantara Festival 2026, nos Jardins do Bombarda, Sala Valentim de Barros, dias 20, 21 e 22 de novembro.

Não cheira a napalm, cheira a pipocas

1.

Entra-se para o que poderia ser uma gare de embarque e desembarque. O preâmbulo a uma viagem para um sítio indeterminado que talvez nem exista. Há uma porta que faz o que as portas fazem: permitir entrar e sair. Há pessoas que chegam, há quem já aguarde. Há um dispensador de senhas: importante dispositivo que estabelece, ao acaso, a ordem das intervenções. Aquelas pessoas estão ali para quê? Para embarcarem numa nave espacial, ou para uma audição? Estão ali para esperarem pelo fim do mundo, ou simplesmente para participar num fim-de-semana de uma empresa de serviços? São assassinos contratados, ou são vítimas de um sistema repressivo?

Apocalypse How é uma alegoria de múltiplas camadas sobre o capitalismo neoliberal. Há quem lhe chame capitalismo tardio que é basicamente o mesmo que o capitalismo elevado a um patamar superior de depredação do planeta e de exploração dos seres humanos e seres-não-humanos, especialmente daqueles que estão na base da pirâmide. Mark Fisher designa-o por "realismo capitalista", porque se instala "a sensação generalizada de que o capitalismo não só é o único sistema político e económico viável, como também se tornou impossível sequer imaginar uma alternativa coerente a ele"[1].

Já se sabe: não estamos fora do sistema capitalista. Não queremos prescindir das terapias consumistas, nem dos desejos ramificados e especializados. Não passamos sem as pipocas e as bebidas gaseificadas, sem os hambúrgueres e os caris vegan.

Numa escala micro, nas empresas de média e grande dimensão, o capitalismo diz querer cimentar as relações entre trabalhadores, fazer terapia de grupo, simular a circulação de intimidades. *Apocalypse How* é uma sucessão de jogos em que se perde quase sempre. *Team building*, ou o seu contrário. É preciso reforçar os laços entre as pessoas nem que seja à força das bastonadas. Tudo em nome da eficiência. Pelo meio, os universos íntimos estão repletos de emojis. Mas o capitalismo tem destas coisas: é conveniente transformar os trabalhadores em colaboradores. Enfim, o capitalismo é intrinsecamente hipócrita e manhoso.

2.

Um cataclismo nuclear, ou a ameaça da queda de um meteorito, embora possíveis, não são imediatamente expectáveis. Já lá vão cerca de 66 milhões de anos desde que um meteoro, ou uma chuva deles, arrasou os dinossáurios. Foi o fim da era sauriana. Quando será o fim da era humana?

A pergunta é então esta: quando é o fim do mundo? Num texto relacionado com este tema, Slavoj ŽiŽek escreve: "e se o verdadeiro fim dos tempos não for uma Megacatástrofe, mas a repetição interminável do mesmo momento constantemente adiado, uma e outra vez? Um momento epitomizado pelo típico

---

1 Mark Fisher, *Capitalist Realism. Is there no alternative?* Zero Books < https://files.libcom.org/files/[Mark_Fisher]_Capitalist_Realism_Is_There_no_Alte(BookZZ.org).pdf>

desfecho de um episódio de série televisiva, que nos pede para esperarmos até à próxima semana (ou no caso de um streaming, até ao próximo episódio)"[2].

O fim do mundo continua na próxima temporada. O fim do mundo é uma série pop. Um reality show a que assistimos enquanto comemos pipocas doces... ou salgadas.

3.

Apocalypse How é um projeto de transferências. É tudo menos um *team building*, porque não mimetiza afetos, mas sim parte das cumplicidades entre criadores para chegar a algum lado. Elas e eles vêm da dança contemporânea. Não é a primeira vez que se encontram. O projeto **Espiões**, que começou em 1998, vai na sua terceira edição. Filipa Francisco, Francisco Camacho, Miguel Pereira e Sílvia Real, que já tinham estado juntos, convocam, desta vez, Sónia Baptista. Mas na verdade, sempre estiveram – porque aqui, neste território – as cumplicidades são realmente reais e os legados respeitados.

"Respect" diria a galinha galona, irradiando a luz da madrugada.

Alkantara é uma estrutura financiada pela República Portuguesa — Ministério da Cultura, da Juventude e do Desporto - DGArtes e pela Câmara Municipal de Lisboa.

O Alkantara Festival 2026 é coproduzido pelo Centro Cultural de Belém, pelo CAM – Centro de Arte Moderna Gulbenkian, pela Culturgest, pelo MAAT, pela Lisboa Cultura - Teatro do Bairro Alto e pelo Teatro Nacional D. Maria II.

[2] Slavoj Žižek, (trad. Gonçalo Neves). *Contra o progresso*. Penguin Random House / Objetivamente, 2025, p.153